O (NÃO) USO DAS PREPOSIÇÕES DATIVAS E A RELEXIFICAÇÃO DE PARA NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO[1]

THE (NON) USE OF DATIVE PREPOSITIONS AND THE RELEXIFICATION PROCESS OF DATIVE PREPOSITION PARA IN AFRO-BRAZILIAN PORTUGUESE

Isis Juliana Figueiredo de Barros[2]
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Cristina Figueiredo[3]
Universidade Federal da Bahia

Resumo: O artigo busca apresentar os principais resultados da análise sociolinguística a respeito da variação no uso das preposições dativas *a* e *para* em comunidades afro-brasileiras (Helvécia, Sapé, Rio de Contas e Cinzento), levando-se em conta alguns contextos sintático-semânticos e sociais. A metodologia da descrição e análise dos dados obtidos orientou-se pela abordagem laboviana, de forma a obter resultados com base em levantamento estatístico. O resultado da análise da amostra indica que os contextos de realização do dativo preposicionado por *para* nem sempre coincidem com o dativo sem preposição ou o dativo preposicionado por *a*. Argumenta-se que o surgimento da preposição *para* no contexto de dativos em verbos bitransitivos dinâmicos teria sofrido um processo de relexificação, como resultado da influência das línguas de substrato banto durante o período de contato intenso entre línguas que caracteriza a formação sócio-histórica dessas comunidades.

Palavras-Chave: Preposição; Dativo; Português Afro-brasileiro; Substrato banto.

---

1 Esse artigo inclui resultados parciais da Tese de Doutoramento (BARROS, 2018).

2 julianaisis@gmail.com

3 macrisfig@uol.com.br

Abstract: *This article aims at to presenting the main results of the sociolinguistic analysis of the (non) use of the dative prepositions "a" and "para" in Afro-Brazilian communities (Helvécia, Sapé, Rio de Contas and Cinzento), considering some syntactico-semantic and social contexts. The methodology of data description and analysis is based on the Labovian approach, in order to obtain results based on statistical survey. The analysis shows that not all contexts of realization of the prepositional dative introduced by "para" are the same if it is compared to the use of non-prepositional dative or prepositional dative introduced by "a". It is argued that the emergence of the preposition "para" in the context of datives in dynamic ditransitive verbs could have suffered relexification, as a result of the influence of Bantu languages, during the period of intense language contact that characterizes the socio-historical formation of these communities.*

Keywords: *Preposition; Dative; Afro-Brazilian Portuguese; Bantu substrate.*

INTRODUÇÃO

Para a presente análise, leva-se em conta o contexto multilíngue no período de colonização do Brasil desde o século XVI ao XIX, decorrente do contato entre falantes do português europeu (PE), os ameríndios, e os africanos (MUSSA, 1991; MATTOS E SILVA, 2004). A literatura vigente sobre o assunto demonstra que esse fato sócio-histórico, intimamente atrelado à formação da realidade linguística do Português Brasileiro (doravante PB), desempenhou um papel importante na delineação de suas características, distanciando-se, consequentemente, do padrão europeu. Além disso, argumenta-se que o uso variável e em mudança das estratégias de introdução do dativo (a, para e ø) em contexto de verbos bitransitivos dinâmicos em comunidades afro-brasileiras é uma das marcas do tráfico contínuo de pessoas escravizadas para o Brasil (aproximadamente 3,5 milhões), especialmente em razão da forte presença de africanos da região centro-sul africana (Congo e Angola) e, posteriormente no século XIX, do oriente africano (Moçambique), os quais eram falantes do grupo banto, majoritariamente *umbundo*, *quicongo* e *umbundo* (MUSSA, 1991; PESSOA DE CASTRO, 2001; LUCCHESI, 2009; NEVES, 2012; PETTER, 2015)[4].

[4] Em conformidade com esses autores, é sabido que as línguas indígenas de base tupi e não tupi, e do grupo de africanos originados da Costa da Guiné (atualmente: Nigéria, Benim e Togo),

Ao observarem a evolução das preposições dativas no PB desde o século XVIII até o atual, Torres Morais e Berlinck (2006) propõem que o distanciamento da expressão do dativo no PB em relação ao padrão lusitano pode ser observado na mudança de configuração sintática desse complemento, tendo em conta os seguintes aspectos: i) a queda dos pronomes clíticos dativos de terceira pessoa; ii) o decréscimo do uso em dativos com a preposição *a* (*a*-DAT); iii) o crescimento do uso em dativos com a preposição *para* (*para*-DAT); iv) a observação do uso de dativo como pronome lexical (*ele*/*eles*/*ela*/*elas*) sem o redobro obrigatório do clítico, como na variedade europeia (FREIRE, 2005). Acrescenta-se aqui, em razão dos estudos de Scher (1996), Gomes (1999), Lucchesi e Mello (2009); Baxter, Mello e Santana (2014), e Barros (2018), em lugares antes despovoados, mais distantes da zona urbana, observa-se a realização do dativo sem preposição (ø-DAT).

Considerando que o padrão europeu serviu como modelo de superstrato para os falantes do PE como L2 no decorrer dos séculos de escravidão no Brasil, e em razão de haver maior integração social por parte do grupo étnico-linguístico banto ao ambiente colonial, especialmente no interior da Bahia, por meio da dominação cultural, linguística, religiosa e psicológica promovidos pelo apadrinhamento e miscigenação (VIANNA FILHO, 2008 [1946]); MATTOSO, 1982; LUCCHESI, 2009), neste artigo, considera-se a premissa de que as características observadas na variedade popular do PB resultam da interferência do substrato africano na aquisição como L2 do PE, e posteriormente mantidas no processo de transferência geracional ao longo dos séculos (LUCCHESI et al., 2009), inclusive no que se refere ao (não) uso das preposições dativas.

Assim, objetiva-se i) descrever e discutir os dados do (não) uso das preposições dativas (*a* e *para*) nas comunidades afro-brasileiras, Helvécia, Rio de

falantes dos grupos linguísticos gbe e benue-congo, deram também a sua contribuição para as diferenças que se observam no PB; no entanto a minha argumentação se dará em favor da contribuição das línguas bantas no que tange ao dativo nas comunidades rurais estudadas.

Contas, Cinzento, e Sapé, com base no estudo de Barros (2018); ii) apresentar a hipótese explicativa de que a entrada da preposição *para* nos contextos de verbos bitransitivos dinâmicos teria sido possível por meio de um processo de relexificação (Lefebvre, 2001), a partir da comparação do PB com a língua de superstrato (PE) e de substrato (línguas bantas, sobretudo quimbundo).

O dativo pode ocorrer em diferentes estruturas sintáticas e condições semânticas. No entanto, para a presente análise, delimita-se como objeto de estudo o dativo que i) se realiza em estruturas com verbos dinâmicos, sendo que é aquele que denota valor semântico de *recipiente/meta/alvo* na relação de transferência de posse ou de um movimento (*movimento abstrato* e *movimento concreto*; *transferência material* e *transferência verbal*); ii) pode ser cliticizado (*me/te/lhe/lhes/nos*)[5], devido ao seu traço de animacidade, geralmente [+animado]; iii) ocorre junto a um objeto direto – OD (acusativo) (Berlinck, 1996); iv) pode ocorrer adjungido ao verbo ou posposto ao OD; v) pode ser introduzido por *a* ou *para* e, em comunidades rurais mais isoladas, ocorrer sem preposição (LUCCHESI; MELLO, 2009).

Considerando-se tais aspectos e tendo em mente a realidade sociolinguística do Brasil, principalmente na Bahia, este artigo é um recorte da investigação do uso variável das estratégias introdução de dativos em contextos bitransitivos dinâmicos, as preposições *a* (*a*-DAT) e *para* (*para*-DAT) e também a ausência da preposição dativa (*ø*-DAT), como exemplificado em (1), em amostras de fala de quatro comunidades rurais afro-brasileiras isoladas no interior da Bahia, coletadas pelo *Projeto Vertentes* da UFBA, que viviam em relativo isolamento pelo menos até o último quartel do século XX (LUCCHESI et al., 2009).

[5] No PB popular, lhe e lhes ocorrem ou como acusativos ou são dativos de segunda pessoa do discurso.

(1) a. Que na escola qu'eu estudo não dá [OD nem um lápis] [DAT *pos aluno*] (CZ-02)

b. Deu [DAT *ø Luísa*] [OD iss'aí] pá Luísa prantá (HV-13

c. deu [OD café] [DAT *a ela*] com leite... e bolacha, ela bebeu (SP-07) (BARROS, 2018)

Para análise dos resultados apresentados neste artigo, tem-se por hipóteses: 1) a observação de *para*-DAT e *ø*-DAT, enquanto estratégias inovadoras no Português afro-brasileiro (PB-afro) resultantes da influência das línguas de substrato banto, principalmente *quimbundo*, *umbundo* e *quicongo*, no processo de aquisição do PE pelos africanos falantes de L2; 2) a ocorrência das três estratégias de introdução de dativo *recipiente/meta/alvo* são decorrentes de diferentes construções sintáticas, a saber: uma que contém um dativo aplicado (construções aplicativas ou construções de objeto duplo - COD), seguindo um padrão das línguas bantas, com dativo sem preposição (*ø*-DAT); outra que contém a variante *a*-DAT, baseada na COD do PE (Torres Morais, 2007); e a outra que requer uma preposição (construções bitransitivas preposicionadas - CBP), *para-DAT*; 3) a ampliação do uso da preposição *para* como introdutora de dativo com interpretação semântica de aplicativo baixo *recipiente/meta/alvo* (Pylkkänen, 2002) deve-se a um processo de relexificação (Lefebvre, 2001) ocorrido no período de colonização, quando houve o contato do PE com línguas indígenas e sobretudo com línguas africanas.

Este artigo está assim organizado: na seção 1, apresentam-se as principais configurações sintático-semânticas das construções aplicativas no PE e nas línguas bantas; na seção 2, trata-se da metodologia do trabalho; na seção 3, analisa-se quali-quantitativamente os dados de dativo (não) preposicionado na amostra; na seção 4, analisa-se a entrada do *para*-DAT no PB-afro, com base na proposta da relexificação (Lefebvre, 2001); por fim, na conclusão, apresento minhas considerações finais.

1 AS CONSTRUÇÕES APLICATIVAS NO PE E NO SUBSTRATO BANTO

Nas línguas naturais, os dativos podem ocorrer tanto em CODs (1b), em que os dois argumentos internos do verbo são DPs[6], quanto em CBPs (1a e 1c), em que o dativo é preposicionado. Os estudos prévios sobre o dativo demonstram que a omissão da preposição é a principal evidência da ocorrência da COD nas comunidades afro-brasileiras, principalmente em Helvécia (LUCCHESI E MELLO, 2009; BAXTER; MELLO; SANTANA, 2014; BARROS, 2018). Por essa razão, é necessário descrever como se estruturam essas construções, uma vez que o (não) uso da preposição de dativo *recipiente/meta/alvo*, em contextos de verbos bitransitivos dinâmicos, pode estar associado ao tipo de construção.

Sobre a CBP, Marantz (1993) assume que é a forma não marcada das construções bitransitivas nas línguas em geral: casualmente marcados um pelo verbo, outro pela preposição. Para a presente análise, essa noção é crucial, uma vez que se observa um número significativo dessas construções no *corpus* analisado, conforme a seção 3. A ordem nas línguas desse tipo de construção é V OD DAT, em que o objeto acusativo c-comanda assimetricamente o dativo (LARSON, 1988).

Quanto à COD (1b), há uma discussão mais aprofundada. Pylkkänen (2002) demonstra que a similaridade semântica observada nas construções aplicativas nas línguas é apenas aparente. A autora postula que em diversas línguas, incluindo as línguas bantas, existe um núcleo sintático cuja função é a de adicionar um dativo à predicação verbal, atribuindo-lhe caso inerente, denominado aplicativo (*AppP*).

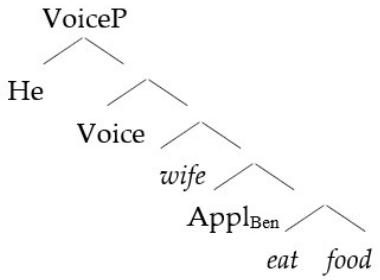
---

[6] *Determiner Phrase*

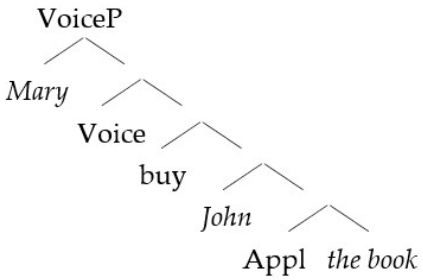
> A maioria das línguas possui um meio de adicionar um objeto indireto à estrutura do argumento de um verbo. Nas línguas bantas, essa possibilidade é amplamente atestada. Na linguística banta, tais argumentos adicionais são chamados de argumentos aplicados e as construções resultantes são construções aplicativas. Aqui, esta terminologia será usada para construções com objetos indiretos adicionais em todas as línguas. (PYLKKANEN, 2002)[7]

A autora propõe que as duas construções em (2), a seguir, são similares apenas no que tange ao fato de que o dativo aplicado c-comanda assimetricamente[8] o objeto direto de uma posição mais alta, e propõe que essas construções aplicativas exibem dois tipos de núcleo aplicativo, que expressam semânticas distintas e podem ser sintaticamente identificadas através da posição em que ocupam na estrutura, como em (2a-b):

(2) a. *Aplicativo alto*
He ate the wife food



b. *Aplicativo baixo*
Mary bought John the book



(PYLKKÄNEN, 2008, p. 14; 18)

O *aplicativo alto* designa uma relação entre o evento descrito pelo verbo e o dativo aplicado, acima do núcleo de VP (2a). Esse tipo de aplicativo geralmente introduz a noção semântica de *beneficiário*, *instrumento* e outros e pode ser aplicado a construções com causativas com um argumento interno (ex. *fazer*),

[7] Original: *Most languages have a means of adding an indirect object to the argument structure of a verb. In the Bantu languages this possibility is particularly widely attested. In Bantu linguistics such additional arguments are called applied arguments and the resulting constructions applicative constructions. Here this terminology will be used for constructions with additional indirect objects cross-linguistically.* (PYLKKANEN, 2002)

[8] De acordo com Barss e Lasnik (1986), considerando os Princípios A e B da Teoria de vinculação, o objeto direto está sob o domínio do dativo em posição mais alta na estrutura sintática.

estativas (ex. *segurar*) ou mesmo ergativas (ex. *trabalhar*). O *aplicativo baixo* denota uma relação obrigatória entre o objeto direto e dativo aplicado ao verbo, posicionado mais encaixado, abaixo do núcleo de VP (2b) em contextos de verbos bitransitivos. Esse tipo de aplicativo introduz o dativo *recipiente/meta/alvo* e é aplicado em construções bitransitivas.

Partindo dessa concepção, Torres Morais (2007) mostra que o PE, língua de superstrato na aquisição do PB-afro, exibe construções aplicativas, que se caracterizam pela marcação morfológica da preposição *dummy a* e clíticos com referência à terceira pessoa (*lhe/lhes*). Ressalta-se que, conforme a autora, esse tipo de construção não corresponde à CBP com *para* no PE, como exemplificado em (3).

(3) a. O João deu-*lhe* um computador *a* ele
b. O José enviou uma carta *à* Maria
c. A Maria fez um jantar *a*os convidados/fez-*lhes* um jantar
d. O José enviou uma carta *para* Maria/ *para* Lisboa/ *a*o Banco de Portugal
e. A Maria fez um jantar *para* os convidados

(TORRES MORAIS, 2007, p. 99, 101, 105)

De acordo com a autora, os exemplos do PE em (3a-c) apresentam dativos aplicados em COD e em (3d-e) o dativo preposicionado faz parte de uma estrutura CBP. A autora explica que, em (3a-b), o dativo *recipiente/meta/alvo*, com verbos de *transferência* (dar/enviar) somente é possível com a marca morfológica de caso *dummy a* (ou *lhe*) em distribuição complementar em COD. Torres Morais chama atenção ao fato de que a preposição *a* no PE possui uma ambiguidade, ora sendo a marca *dummy*, exprimindo uma relação de transferência de posse, ora sendo preposição verdadeira que contribui para um sentido *direcional*.

Ainda de acordo com a autora, como se observa em (3d-e), o dativo é introduzido por *para,* por sua vez, além do sentido *direcional* (como *a*), apresenta outros valores semânticos, como *beneficiário*, *locativo*, e não necessariamente ocorre com verbos de *transferência*. Além disso, Torres Morais (2007) e Xavier

(1989) explicam que, embora ocorram em contextos aparentemente semelhantes, a preposição *para* somente é possível no PE quando introduz complementos com o traço [-animado] ou quando introduz complementos com o traço [+animado], mas não está em uma relação de posse direta com o referente tema no movimento de transferência, como em (3d). A interpretação é que um dativo como "para Maria" em (3d) não é argumental/obrigatório, apresenta valor semântico de *beneficiário* e não é diretamente afetado pelo evento do verbo (Maria só é beneficiada pelo evento de José enviar a carta à outra pessoa), diferentemente de (3b), em que "à Maria" é dativo *recipiente/meta/alvo*, e participa da relação de transferência de posse.

A ocorrência de dativo não argumental *beneficiário*, introduzido por *para*, em construções CBP no PE, conforme demonstrado em (3d) e (3e), pode ter servido de *input* durante a aquisição de L2 pelos africanos para ampliação funcional e fixação da preposição *para* nos contextos de dativo argumental *recipiente/meta/alvo*. Argumento, na seção 4, que essa mudança se deu a partir do processo de relexificação, nos termos de Lefebvre (2001). Por outro lado, seguindo o espírito de Pylkkänen (2002), a omissão da preposição (COD) pode evidenciar uma construção de *aplicativo baixo* no PB-afro.

A forma como o dativo é aplicado na estrutura sintática diverge de língua para língua. Há línguas simétricas, em que o dativo ocorre *exclusivamente* aplicado via núcleo funcional (COD), como nas línguas bantas *chaga, venda, luganda, chichewa* (PYLKKÄNEN, 2002; BRESNAN; MOSHI, 1990; MARANTZ, 1993), sem alternar com uma contraparte preposicionada (CBP). Há línguas assimétricas, que podem exibir a alternância dativa, exibindo estruturas aplicativas ou preposicionadas (respectivamente COD e CDP), como no inglês, ou nas línguas bantas *quimbundo*, *umbundo* e *quicongo* (CHATELAIN, 1888-89; BAKER, 1988; MARANTZ, 1993; WALD, 1973; PYLKKANEN, 2002), as quais coexistiram em situação de multilinguismo no decorrer do período colonial na

Bahia e podem ter interferido na formação do PB-afro, conforme demonstram os exemplos do *umbundo* em (4) e *quimbundo* em (5).

(4) UMBUNDO

a. *Ndi-na-tumiz-**ir**-a* ***mfumu*** *chipanda cha mowa* (COD)
1s-pas-enviar-appl-asp para o chefe cabaça de cerveja
'Eu enviei para o chefe uma cabaça de cerveja'

b. *Ndi-na-tumiz-a* *chipanda cha mowa* ***kwa mfumu*** (CBP)
1s-pas-enviar-asp cabaça de cerveja para o chefe
'Eu enviei uma cabaça de cerveja para o chefe' (BAKER, 1988, 229-230)

(5) QUIMBUNDO

a. a. *ua* ***tu*** *sumb**ila*** *maiaki* (COD)
3s cli.dat.1s comprar.appl ovos
'Ele comprou ovos para nós' (CHATELAIN, 1888-89, 76)

b. *Nga-bana* *ma-divulu* ***ku**-a-thu.* (CBP)
1s.pas-dar livro loc.pessoas
'Eu dei um livro para as pessoas' (HAGEMEIJER, 2016, 55)

Em (4a), em que se observa a ocorrência de COD, considerando a proposta de Pylkkänen (2002), verifica-se um núcleo funcional aplicativo introdutor de dativo *recipiente/meta/alvo* expresso pela morfologia verbal *-er-* / *-ir-*. Em (4b), observa-se a realização da preposição *kwa*, caracterizando-se uma CBP. Em (5a), o dativo *recipiente/meta/alvo* é aplicado por meio dos morfemas de concordância *-ile*; *- ene*; *-ine*. Em (5b), o dativo é introduzido pelo prefixo locativo *ku*.

A despeito da entrada de *para* com dativos *recipiente/meta/alvo*, por conta da equivalência das preposições multifuncionais no substrato banto, a proposta deste trabalho apoia-se na hipótese de que a preposição *para* é resultante de um processo de relexificação, nos moldes de Lefebvre (1998; 2001), conforme argumento na seção 4. Na seção a seguir, descrevo os dados e método de pesquisa.

2 DADOS E MÉTODO

O *corpus* ora constituído para essa pesquisa pertence ao acervo do *Projeto Vertentes*, da UFBA, coordenado pelos professores Dante Lucchesi e Gredson dos Santos e registra a fala de informantes das seguintes comunidades: Helvécia, localizada em Nova Viçosa – BA, Cinzento, em Planalto – BA, Barra e Bananal, no município de Rio de Contas – BA, na região da Chapada Diamantina, e a comunidade de Sapé, no município de Valença – BA, na região Sul do recôncavo baiano.

Segundo Lucchesi *et al.* (2009), o português falado nessas comunidades apresenta evidências da realidade sócio-histórica de multilinguismo generalizado ocorrido no Brasil, quando o tráfico de africanos era uma prática que fornecia mão-de-obra escrava a lavouras e minas (MUSSA, 1991; MATTOS E SILVA, 2004).

Lucchesi (2009) chama a atenção para o fato de que os falantes do PB-afro, por muito tempo isolados, tiveram difícil acesso à norma falada nos centros urbanos. Esse fato teria favorecido a preservação, principalmente pela geração mais velha, dos traços linguísticos característicos do contato entre línguas ao longo da colonização portuguesa no Brasil. Além do mais, conforme apontam Baxter e Lucchesi (1997) e Lucchesi et al. (2009), quanto à formação étnica e econômica, essas comunidades viveram por muitos anos basicamente da agricultura de subsistência, em engenhos (doados ou herdados dos antigos senhores com o fim da escravidão) ou em quilombos, cenário profícuo para a formação de um crioulo. Ainda conforme os autores, essas comunidades caracterizam-se por serem majoritariamente formadas por filhos, netos, bisnetos diretos de escravizados africanos. Lucchesi *et al.* (2009) afirmam que Helvécia deva ganhar destaque em relação às demais comunidades por conta do seu

caráter eminentemente miscigenado, pois há uma escassez de informações para análises mais precisas acerca da formação sócio-histórica e linguística das comunidades de Sapé, Rio de Contas e Cinzento. Além disso, Helvécia é a única comunidade em que se identificam níveis de variação e mudança estruturalmente significativos, segundo os autores. Em vista disso, busca-se encontrar diferenças na realização variável das estratégias de introdução do dativo *recipiente/meta/alvo* no que tange às comunidades.

O artigo segue a abordagem teórico-metodologia de Labov (2008 [1972]), e assim se deu o tratamento dos dados no programa Goldvarb 2001, a fim de adquirir uma análise quantitativa distribucional por meio de procedimento de regressão múltipla, para se chegar a dados de valores binominais. Foi submetida ao programa a amostra de fala vernacular, constituída por 48 inquéritos, com divisão dos falantes em faixas etárias (faixa I, de 20 a 40 anos; faixa II, de 41 a 60 anos; faixa III, de 61 anos a 80 anos; além de um *corpus* de controle de informantes idosos da comunidade de Helvécia, para compor o grupo de indivíduos da faixa IV, acima de 80 anos), sexo (feminino e masculino), estada fora da comunidade (tempo maior ou menor do que seis meses) e escolaridade (analfabetos e semianalfabetos). Pelo fato de o fenômeno em foco realizar-se em três fatores, e considerando que a análise estatística no programa estatístico é binária, para se obter o peso relativo e nível de significância da análise, foram realizadas diversas rodadas em valores binominais. Importa ainda dizer que os fatores condicionantes nem sempre coincidem nas rodadas. Por isso, para cada tabela, deixamos uma nota de rodapé.

O quantitativo geral de dativos (não) preposicionados em covariação estrita analisados distribuem-se em 197 ocorrências de *para*-DAT (62,7%), 71 ocorrências de *ø*-DAT (22,6%) e 46 ocorrências de *a*-DAT (14,6%). Neste artigo, são apresentados os resultados dos dados de dativo (não) preposicionado em relação às variáveis consideradas relevantes pelo programa de cálculo

multivariado *Goldvarb* 2001: as variáveis sociais *comunidade* e *faixa etária* e as variáveis linguísticas *tipo semântico do verbo* e *Estrutura do VP*[9], como se verifica a seguir.

3 A REALIZAÇÃO DO DATIVO (NÃO) PREPOSICIONADO NAS COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS

Em vista da expansão no PB do uso da preposição *para* nos contextos de dativo *recipiente/meta/alvo* em verbos dinâmicos (TORRES MORAIS E BERLINCK, 2006; BARROS, 2018), acredita-se que uma análise das estratégias de introdução de dativo, levando-se em conta principalmente a faixa etária dos informantes, pode contribuir sobremaneira para a compreensão da realidade linguística brasileira. Dessa forma, os dados foram rodados considerando a *faixa etária* e *comunidade*, a fim de verificar a hipótese de relexificação do *para* baseada em Lefebvre (1998, 2001) em contexto de multilinguismo, conforme é detalhado mais adiante, e quais contextos são favoráveis à omissão da preposição e realização da preposição *a*.

3.1 Variáveis sociais: comunidade e faixa etária

Nesta seção, são apresentados os resultados das variáveis sociais *comunidade* e *faixa etária*, para demonstrar o percurso da mudança observada no PB-afro no que tange às estratégias de introdução de dativo *recipiente/meta/alvo*.

Quanto à variável independente *comunidade*, é válido mencionar que, nos estudos de Lucchesi (2001); Lucchesi e Mello (2009) e Baxter, Mello e Santana (2014), as comunidades de Helvécia e Rio de Contas têm apresentado maior evidência da omissão da preposição dativa em configuração COD. Para Lucchesi

[9] *Verbal Phrase* (Trad. sintagma verbal).

et al. (2009), a comunidade de Helvécia é a única comunidade em que se identificam níveis de variação e mudança estruturalmente significativos de maneira geral. Dessa forma, a observação do fenômeno, isolando-se as comunidades, permite checar a hipótese de que as variantes inovadoras *ø*-DAT e *para*-DAT são mais frequentes nessas comunidades em relação à variante *a*-DAT, no sentido de observar as mudanças quanto ao dativo em decorrência do contato entre línguas. Ademais, a análise individual das comunidades permite lançar um olhar sobre onde a realização da variante normatizadora *a*-DAT é mais favorecida.

No processamento de dados quanto ao uso de *para*-DAT em função das demais variantes, a variável *comunidade* não foi selecionada como relevante. Além disso, a taxa de frequência dessa variante apresenta uma distribuição uniforme, demonstrando já um avanço da expansão da entrada relexificada do *para* na variedade afro-brasileira, conforme argumento melhor na seção 4. Assim, na Tabela 1 a seguir, excetuando-se a variante *para*-DAT, constam os valores de frequência de todas as variantes, e, para a obtenção de peso relativo, verificou-se a realização da variante *a*-DAT em função *ø*-DAT em uma análise binominal.

Tabela 1: O uso varável do dativo (não) preposicionado nas comunidades rurais afro-brasileiras

	para-DAT		*ø*-DAT			*a*-DAT		
	Ocor.	%	Ocor.	%	Peso relativo	Ocor.	%	Peso relativo
Helvécia	74/121	61,2%	36/47	76,6%	0.631	11/47	23,4%	0.369
Sapé	39/64	60,9%	2/25	8%	0.074	23/25	92%	0.926
Cinzento	37/59	62,7%	17/22	77,3%	0.675	5/22	22,7%	0.325
Rio de Contas	47/70	67,1%	16/23	69,6%	0.722	7/23	30,4%	0.278
Nível de significância	0.007							

Fonte: Adaptada de Barros (2018).

O resultado da Tabela 1 demonstra que a variante *ø*-DAT, em contexto de covariação estrita, Rio de Contas é a comunidade que mais favorece a omissão,

com peso relativo de 0.722, confirmando os resultados de Baxter, Mello e Santana (2014) e Lucchesi e Mello (2009). No entanto, diferentemente dos autores, Helvécia é a terceira comunidade a favorecer *ø*-DAT em função *a*-DAT, com peso relativo de 0.631, depois de Cinzento, com peso relativo de 0.675[10].

Conforme Lucchesi et al. (2009), cada comunidade possui características peculiares decorrentes do contato linguístico, conforme a sua formação histórico-social – em se tratando de nível de exposição à língua-alvo, proporção demográfica local em relação aos afrodescendentes, quantidade de línguas africanas faladas em cada uma delas, etc. Portanto, quanto à variante *a*-DAT, principalmente favorecida em Sapé, com peso relativo de 0.926, é bastante claro que essa comunidade segue um padrão inverso às demais comunidades ao apresentar grau significativo da variante padrão da língua de superstrato, provavelmente por sua proximidade com a capital baiana, Salvador, e o fácil acesso ao modelo da língua-alvo e movimentação turística na região de Valença – BA.

A análise da variável independente *faixa etária*, de acordo com LABOV (2008 [1972]), permite observar em numa dada sincronia se um fenômeno está variação estável ou num processo de mudança em curso. Para a análise aqui empreendida, pretende-se testar a hipótese de que ocorreu uma mudança no processo de aquisição das estratégias de introdução do dativo com semântica de *aplicativo baixo recipiente/meta/alvo* do PE como L2, culminando na aquisição de L1 de estruturas COD (aplicativas) conforme o substrato banto, e da entrada relexificada, no termos de Lefebvre (2001), no que diz respeito ao uso da variante

[10] Dois fatores podem ter influenciado na diferença dos resultados entre esta e a demais análises estatísticas quanto ao apagamento da preposição nas comunidades: o fato de os autores não considerarem diferenças estruturais entre o uso do dativo preposicionado por *a* e o uso do dativo preposicionado por *para*, colocando ambas as variantes em um mesmo grupo; e a inclusão na análise dos autores de contextos sintáticos não semelhantes como os verbos *faciendi* e verbos *leves*, embora tais contextos sintáticos, por hipótese, possam ter servido como *input* para aquisição de L2 do português pelos falantes de línguas bantas no Brasil.

para-DAT, herdando propriedades sintático-semânticas das línguas bantas *quimbundo*, *umbundo* e *quicongo* (*ku*, *mu* ou *bu*)[11], como demonstro na seção 4, a seguir.

Tendo isso em mente, esperava-se que os falantes mais velhos das comunidades afro-brasileiras apresentassem um padrão linguístico que refletisse uma maior frequência de realização de *ø*-DAT e da preposição relexificada *para*, nos moldes do substrato banto, visto que, de acordo com Naro (2003, p. 44), a gramática adquirida pelos indivíduos é estabilizada na puberdade (15 anos), apontando para um padrão do início do século XX na fala dos informantes com mais de 100 anos (como H19, com 119). Já nos falantes mais jovens, esperava-se perceber um uso já em expansão de *para*-DAT como principal estratégia de introdução do dativo *recipiente/meta/alvo*, devido à aquisição não generalizada de *ø*-DAT em COD, por causa da baixa saliência morfo-fonológica da preposição *a* (BAXTER; MELLO; SANTANA, 2014) e, provavelmente, pouco perceptível ao falante de L2 enquanto *input* necessário para aquisição da língua de superstrato português nas primeiras gerações.

Na tabela 2, a seguir, são apresentados os resultados reveladores sobre a frequência das variantes dependentes em relação à faixa etária, bem como os valores de peso relativo, excetuando-se a variante *a*-DAT, que não foi selecionada na rodada binominal.

[11] O uso de *ku*, *mu* ou *bu* é múltiplo em termos de função gramatical, e pode ocorrer em contextos de uso bastante diversificados. Enquanto *mu* e *ku* podem ser marcadores acusativos ou dativos ou ainda marcadores de infinitivos e podem sofrer variar conforme a pessoa do discurso, sobretudo, na forma clítica, ou até mesmo de acordo com a concordância rítmica da língua. Já o marcador *bu* ocorre como um demonstrativo e pode ser intercambiável por *mu* e *ku* (cf. CHAVAGNE, 2005; CHARTELAIN, 1888-89, p. 76, 154).

Tabela 2: O uso do dativo (não) preposicionado em relação à faixa etária[12]

	para-DAT			*ø*-DAT			*a*-DAT	
	Ocor.	%		Ocor.	%		Ocor.	%
FAIXA I	90/111	81,1%	**0.697**	9/111	8,1%	0.212	12/111	10,8%
FAIXA II	48/86	55,8%	0.474	22/86	25,6%	0.577	16/86	**18,6%**
FAIXA III	44/82	53,7%	0.376	22/82	26,8%	**0.656**	16/82	**19,5%**
FAIXA IV	15/35	42,9%	0.231	18/35	51,4%	**0.869**	2/35	5,7%
Nível de significância:	0.043			0.024			-	

Fonte: Adaptação de Barros (2018)

O resultado na Tabela 2 corrobora a hipótese inicial, uma vez que os mais velhos, nas faixas etárias IV (+80 em Helvécia) e a III (+60), favorecem a ocorrência de *ø*-DAT, com pesos relativos de 0.869 e 0.656 respectivamente; seguido da observação de maiores frequências de *a*-DAT na faixa III (19,5%) e na faixa II (18,6%), e, no fim do percurso, a faixa I condiciona a variante inovadora *para*-DAT, com peso relativo 0.697, embora se observe o seu uso já em expansão em todas as faixas etárias.

Em vistas do resultado verificado nas Tabelas 1 e 2, é possível supor uma concorrência entre as variantes *a*-DAT e *ø*-DAT pelas faixas mais avançadas, ao passo que se observa a expansão progressiva da preposição *para*, com baixo favorecimento na faixa IV, com aumento nas faixas III e II e uso generalizado na faixa I. Para a ocorrência da variante *ø*-DAT, sobretudo nos mais velhos, assume-se a hipótese de Baxter; Mello; Santana (2014), com base em Gonçalves (2005) e Hyman; Duranti (1982), quando afirmam que o dativo sem preposição nas comunidades afro-brasileiras seria resultante da interpretação dos *inputs* de clítico *lhe/lhes* com traço [+humano] pelos falantes de L1 banto, dada a forte influência desse traço na realização do dativo em COD nas línguas bantas.

[12] Para obtenção dos valores binominais, foram realizadas três rodadas distintas no programa de análise estatística, a saber: a) para-DAT e ø-DAT amalgamadas em função de a-DAT, porém variante *a*-DAT não seleciona faixa etária; b) *a*-DAT e ø-DAT amalgamadas em função de *para*-DAT; c) para-DAT e a-DAT amalgamadas em função de ø-DAT, conforme mencionado no início da seção.

Assume-se também que a omissão da marca *dummy a* no PB-afro se deu em razão do que argumentam Baxter; Mello; Santana (2014):

> A preposição A não seria facilmente detectada a partir das fonologias das l1, sobretudo as l1 que privilegiam sílabas do tipo cv. Aliás, a preposição A apresentaria um perfil acusticamente fraco e funcionalmente opaco devido à fusão de sequências de vogais /a/ e a possibilidade de não diferenciar artigo definido, preposição A e vogal /a/ inicial de palavra. (BAXTER; MELLO; SANTANA, 2014, p. 298)

Soma-se a isso o fato de que também não foi detectada a diferença entre o uso da marca morfológica *dummy a* nas construções de aplicativo baixo (COD) e a preposição verdadeira *a* no PE (CBP), por serem ambíguas, como demonstra Torres Morais (2007), salvo a diferença da posição em que ocupam os dativos na estrutura sintática. No que tange à variante *para*-DAT em CBP, embora seja observada em todo o *corpus*, o aumento progressivo pelas faixas etárias, chegando a um estágio bastante avançado dentre os mais jovens, aponta para hipótese explicativa de que a baixa frequência de *a*-DAT e o uso de *ø*-DAT, observado sobretudo na fala dos mais velhos, contribuiu para a relexificação de *para*-DAT. A preposição *para* teria entrado como introdutora de dativo argumental com traço semântico *recipiente/meta/alvo* no dialeto afro-brasileiro por meio da relexificação (LEFEBVRE, 1998; 2001) em gerações anteriores aos mais velhos, na aquisição de L2, sofrendo um processo de nivelamento dialetal ao longo das gerações seguintes, e movimento de nativização da variedade, por meio da reanálise gramatical e ampliação das funções do *para*.

A fim de verificar tais hipóteses, foi observada a variação do dativo (não) preposicionado em relação ao tipo semântico e estrutura sintática do verbo.

3.2 Variáveis linguísticas: tipo semântico e estrutura verbal

A análise da variável *tipo semântico do verbo* considerou a tipologia de Berlinck (1996), de modo que as ocorrências levantadas são de verbos bitransitivos de *movimento* (*concreto* e *abstrato*) e *transferência* (*material* e *verbal*), os quais têm por argumento obrigatório o dativo *recipiente/meta/alvo* no PB. Constatou-se que, nas comunidades afro-brasileiras, não há variação entre dativos (não) preposicionados em contextos mais *concreto*, uma vez que os verbos de *movimento físico* (6) apresentam a realização categórica da variante *para*-DAT, especialmente em razão da ocorrência também de *locativos* nesse contexto.

(6) Movimento físico
a. Pegava um ônibu, levava *po médico* (HV-03)
b. Aí no dia que troxe ela pa... *pa Rio de Conta* ela morreu. (RC-07) (BARROS, 2018)

Os dativos preposicionados dos verbos de *movimento físico* apresentam um sentido de locativo, com traço [-animado] e não são fáceis de ser substituídos por clítico no PB (BERLINCK, 1996). Isso significa dizer que, por não ocorrerem nesses contextos, é pré-requisito semântico que o dativo possua traço [+animado] para que as variantes *ø*-DAT e *a*-DAT ocorram na amostra de fala observada. Em relação aos verbos de *movimento abstrato* (7), verificou-se apenas a ocorrência de dativos com preposição fonologicamente realizada (*a*-DAT e *para*-DAT), excluindo-se o dativo sem preposição.

(7) Movimento abstrato
a. É, só almoçá mei-dia...daí agora almoçô...rezô as prece...ofereceu *a* Deus... (CZ-04)
b. Uma vez escreveu *pra* mim (HV-03) (BARROS, 2018)

Vale ressaltar que, diferentemente do que se observa no PE (seção 1), em que é agramatical o uso de *para* como introdutor de dativo argumental com intepretação semântica de aplicativo baixo *recipiente/meta/alvo*, no PB-afro as

preposições *a* e *para* não se distinguem pela interpretação, já que ambas introduzem dativos *recipiente/meta/alvo*.

Apesar de não constarem da análise binominal estatística, o levantamento dos verbos de *movimento* foi importante, uma vez que não se verificou a realização da variante *ø*-DAT nesses contextos em que há a possibilidade de ocorrência de dativos com traço [-animado]. Desse modo, é possível dizer que a omissão da preposição está condicionada ao traço [+animado] (GONÇALVES, 2005; HYMAN; DURANTI, 1982), assim como ocorrem nas construções aplicativas nas línguas bantas (PYLKÄNEN, 2002).

A análise dos verbos de *transferência material* (8) e de *transferência verbal* (9) demonstra que esses verbos requerem dativos com traço [+animado] e facilmente permitem a substituição pelo clítico (BERLINCK, 1996). Isso pode ser um indício de que, além da obrigatoriedade do traço [+animado], a estrutura sintática em que ocorre o clítico coincide com o dativo sem preposição.

(8)	Transferência verbal ou *discendi*	Não. Nessa política agora ele num disse nada *a* ninguém. (SP-01)
(9)	Transferência material	a. É puque é...eles dá *pá* santo reis, é esmola de santo reis. (CZ-04) b. dava *ø* eles purgante... (HV-13) (BARROS, 2018)

A fim de se observar a hipótese de que a variante *ø*-DAT é evidência da construção aplicativa por influência das línguas de substrato banto, isto é, denotando relação de transferência de posse, foram levantadas as frequências e os valores binominais (em três rodadas) por tipo semântico de verbo, conforme a tabela 3.

Tabela 3: Distribuição de dativos (não) preposicionados pelo tipo semântico de verbo[13]

	para-DAT			*ø*-DAT			*a*-DAT		
	Ocor.	%	Peso relativo	Ocor.	%	Peso relativo	Ocor.	%	Peso relativo
Transferência material	108/197	65,5%	0.650	45/71	27,3%	0.725	12/46	7,3%	0.378
Transferência verbal ou discendi	77/197	56,6%	0.335	26/71	19,1%	0.282	33/46	24,3%	0.661
Nível de significância	-	-	0.022	-	-	0.032	-	-	0.007

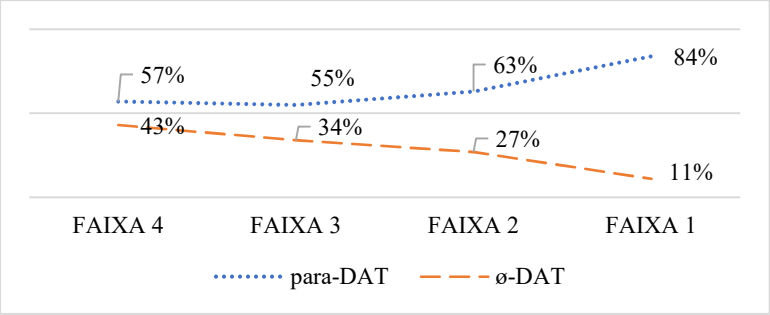
Fonte: Adaptada de Barros (2018)

O resultado na Tabela 3 indica que as variantes *para*-DAT e *ø*-DAT, respectivamente com pesos relativos de 0.650 e 0.725, são favorecidas pelo contexto semântico verbal prototípico das construções com dativos introduzidos com *aplicativo baixo recipiente/meta/alvo*, já que em verbos de *transferência material*, observa-se uma relação de transferência de posse entre objeto direto e o dativo aplicado, com uma noção mais concreta dessa transferência. Inversamente, a variante *a*-DAT é favorecida pelos verbos de *transferência verbal*, que possui uma noção abstrata de transferência de posse, com peso relativo de 0.661.

O cruzamento das variáveis independentes *tipo semântico do verbo* e *faixa etária*, traça uma mudança em curso com aumento progressivo do uso da preposição relexificada *para* e diminuição progressiva do uso do dativo sem preposição em contextos de verbos de transferência material (tipo *dar*), conforme gráfico 1, a seguir.

[13] Para esta tabela, foram reunidos os resultados de três rodadas distintas no programa de análise estatística, a saber: a) a frequência da variante a-DAT em função da frequência de para-DAT; b) a frequência da variante a-DAT em função da frequência de ø-DAT; c) para-DAT e ø-DAT amalgamadas em função de a-DAT.

Gráfico 1: ø-DAT e *para*-DAT em verbos de transferência material em relação à faixa etária



Fonte: Elaboração própria

As variantes também são condicionadas, conforme as construções dativas, apresentadas na seção 1. Dessarte, investigou-se a *estrutura de VP*, com as seguintes possibilidades de realização do dativo (não) preposicionado: a) V OD DAT, conforme (10) e b) V DAT OD, conforme (11), além de mais duas possibilidades, considerando-se o OD nulo e OD sentença, uma vez que esta favorece o dativo em posição adjacente ao verbo: c) V (OD_{NULO}) DAT, conforme (12), e d) V DAT $OD_{sentença}$, conforme (13).

(10) V OD DAT — pá me ajudá, porque...eu num podia trabaiá mais minha mãe, aí foi, [*dei* [a roça] [***a ela***]], ela tá ajudano... (RC-21)

(11) V DAT OD — a. A gente foi [V pedino [DAT ***a Deus***] [OD a proteção de Santa Luzia]] e... nesse dia reuniu (CZ-07)
b. Quande chegô na hora, [V deu [DAT ***o japonês***] [OD vinte mil]] e, não, não, não! (HV-20)

(12) V(OD_{NULO}) DAT — Desse modo, dero de [V *vendê* [OD_{NULO}] [DAT ***nós***]] e nós fomo bataiano...bataiano...bataiano, anté...e o resto cê tá ajudano nós... (CZ-12)

(13) V DAT $OD_{sentença}$ — Mah, eu num [V tô dizeno [DAT a você] [OD sentença que meu sofrimento é grande?] (CZ-10) (BARROS, 2018)

Dada a premissa discutida em Lucchesi (2001) e o fato de Lucchesi e Mello (2009) terem encontrado um número considerável de ocorrências de COD, quando há perda da preposição em posição adjacente ao verbo, espera-se que

haja uma frequência maior da variante *ø*-DAT nas configurações como em (11-13) e, por representar a estrutura padrão CBP, maior favorecimento das variantes preposicionadas nas configurações em (10). Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4: O dativo (não) preposicionado e a estrutura do VP[14]

	para-DAT			*ø*-DAT			*a*-DAT		
	Ocor.	%	Peso relativo	Ocor.	%	Peso relativo	Ocor.	%	Peso relativo
V OD DAT	57/72	79,2%	**0.656**	5/72	6,9%	0.264	10/72	13,9%	0.577
V (OD_{NULO}) DAT (OD_{NULO})	132/198	66,7%	0.554	43/198	21,7%	0.517	23/198	11,6%	0.433
V DAT OD	5/23	21,7%	0.168	16/23	69,6%	**0.840**	2/23	8,7%	**0.822**
V DAT $OD_{SENTENÇA}$	3/21	14,3%	0.077	7/21	33,3%	**0.743**	11/21	52,4%	**0.767**
Total	197/314	62,7%		71/314	22,6%		46/314	14,6%	
Nível de significância	0.043			0.024			0.032		

Fonte: Adaptada de Barros (2018).

Os números registrados na tabela 4 mostram que a variante *para*-DAT é mais favorecida pela configuração sintática de CBP, quando ocorre na ordem V OD DAT, com peso relativo de 0.656. O favorecimento da variante *ø*-DAT na posição adjacente ao verbo, com peso relativo de 0.840 e em seguida pela estrutura V DAT $OD_{Sentença}$, com peso relativo de 0.743, corrobora os resultados de Baxter, Mello e Santana (2014, p. 297). Os mesmos fatores linguísticos favorecem a variante *a*-DAT, ocorrendo com peso relativo de 0.822 na ordem V DAT OD, e com peso relativo de 0.767 na ordem V DAT $OD_{Sentença}$. Já a estrutura V (OD_{nulo}) DAT revelou-se como fator neutro em relação a todas as variantes, com um leve favorecimento em relação à variante *para*-DAT, com peso relativo de 0.554. Esse resultado confirma parcialmente a hipótese inicial, uma vez que a variante *a*-DAT é favorecida pelos mesmos contextos de dativo sem preposição,

[14] Para esta tabela, foram reunidos os resultados de três rodadas distintas no programa de análise estatística, a saber: a) para-DAT e *ø*-DAT amalgamadas em função de a-DAT; b) *a*-DAT e *ø*-DAT amalgamadas em função de *para*-DAT; c) para-DAT e a-DAT amalgamadas em função de *ø*-DAT, conforme mencionado no início da seção.

não de *para*-DAT, sobretudo com verbos de *transferência verbal* que denotam uma transferência mais abstrata, como discutido na subseção anterior.

4 O PROCESSO DE RELEXIFICAÇÃO DO *PARA*

A hipótese da relexificação de Lefebvre (1998; 2001) e Lefebvre e Lumsden (1994) prediz que, durante a fase de aquisição de L2 pelos adultos falantes do substrato, a entrada lexical da sua língua materna deriva uma representação fonológica baseada na matriz fonética disponível nos *inputs* da língua de superstrato, mantendo os traços semânticos e propriedades sintáticas da entrada lexical proveniente do substrato. Segundo Lefebvre (2001), esse processo se deve ao fato de que os indivíduos envolvidos no processo de aquisição de L2 tendem a não identificar categorias funcionais na língua de superstrato e de pouca evidência morfofonológica, no início da formação de uma variedade ou língua nova, como nos processos de pidginização ou crioulização. Lefebvre (1998, p. 71) exemplifica o processo de relexificação por meio do caso do crioulo haitiano de base francesa e substrato do *fongbe*, como em (14).

(14)

Crioulo haitiano	**Francês**	**fongbe**
dife	(du) feu	myɔ̀n
"fogo"	"fogo"	"fogo"
"estigma"		"estigma"

Fonte: Adaptada de Lefebvre (1998, p. 71)

Em (14), segundo a autora, há um significado a mais no crioulo haitiano, se comparado ao francês, associado ao seu correlato no *fongbe*, ainda que a representação fonológica se assemelhe à língua de superstrato francês.

Além disso, sobre um processo posterior à relexificação relevante na nativização da entrada lexical no novo dialeto, a autora argumenta que a exposição dos falantes nativos aos *outputs* da relexificação tem por consequência

linguística a reanálise gramatical, que consiste na ampliação das funções da entrada lexical, e no sentido social, o nivelamento dialetal, que reduz a variação das diferentes entradas lexicais para desempenhar a mesma função.

Considerando Lefebvre (1998, 2001) e Lefebvre e Lumsden (1994), e também o contexto de multilinguismo que caracteriza a gênese das comunidades afro-brasileiras, a hipótese é a de que a preposição *para* como principal estratégia de introdução do dativo *recipiente/alvo/meta* em CBP observada no dialeto afro-brasileiro seja resultado de uma escolha da matriz fonética da língua de superstrato, o português, a fim de relexificar uma entrada lexical copiada das línguas de substrato banto, com posterior expansão funcional por meio da reanálise na comunidade, em razão da produção de *outputs*. A estratégia inovadora *para* no português afro-brasileiro passa a ter as mesmas propriedades sintático-semânticas dos marcadores *ku, mu* ou *bu* nas línguas bantas *quimbundo, umbundo* e *quicongo*, e representação fonológica do PE, como demonstrado em (15).

(15)

PB-afro	**Quimbundo, umbundo e quicongo**	**PE**
para/pa/pra	*ku / mu / bu*	*para*
Introdutor de dativo *recipiente/meta/alvo*	Introdutor de dativo *recipiente/meta/alvo*	-
-	Introdutor de dativo *fonte*	-
Introdutor de finalidade com verbo no infinitivo	Introdutor de finalidade com verbo no infinitivo	Introdutor de finalidade com verbo no infinitivo
Introdutor de dativo beneficiário (interpretação de *aplicativo alto*)	Introdutor de dativo beneficiário (interpretação de *aplicativo alto*)	Introdutor de dativo beneficiário (interpretação de *aplicativo alto*)
Movimento	Movimento	Movimento
Direção	Direção	Direção
Locativo	Locativo	Locativo

Levando esses aspectos em conta e, sabendo que, segundo a proposta de relexificação de Lefebvre (2001), o item selecionado deve compartilhar traços semânticos com a língua de substrato, mesmo que não exerça as funções morfossintáticas nas duas línguas em contato, propõe-se que a ampliação da função da preposição *para* a fim de introduzir dativo *recipiente/alvo/meta* no PB-afro, seria em razão do traço compartilhado de [deslocamento], que pode ser analisado em um *continuum* que vai do [+concreto] ao [-concreto] ou [+abstrato], como se evidencia na análise dos dados.

Outrossim, nas variedades do banto, Chatelain (1888-89) observa o uso múltiplo e expansivo dos marcadores dativos *ku, mu* e *bu* em termos de função gramatical, podendo ocorrer em contextos de uso bastante diversificado, diferentemente do que se observa no PE, que possui diferentes entradas lexicais equivalentes aos marcadores dativos nessas línguas bantas: *ku* (*em, a, para, por, junto, ao pé*), *mu* (*em, a, para, por, dentro de*) e *bu* (*em, a, para, por, sobre, em cima de*). No PB-afro, essa multifuncionalidade da preposição *para* também é observada (LUCCHESI; MELLO, 2009). O caráter multifuncional dessas preposições, conforme discutem Baxter e Lucchesi (1997, p. 71), tem sido considerado como tendência universal das línguas, verificadas nas fases iniciais de aquisição da gênese de uma língua, seja crioula ou não, mas não observada na língua com que se teve contato. Por essa razão, acredita-se fortemente na importância do contexto multilíngue de línguas em contato no Brasil, durante o período colonial e pós colonial, no que tange à mudança das preposições observadas no dativo com semântica de *aplicativo baixo recipiente/alvo/meta*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação dos resultados apresentados permite que se estabeleçam as seguintes generalizações sobre o dativo (não) preposicionado nas comunidades

afro-brasileiras: 1) A variante *para*-DAT, em covariação com as demais, ocorre principalmente em contextos de *transferência material*, com dativo com traço [+animado], em posição posposta ao objeto direto (CBP). Além disso, sem estar em covariação estrita, pode ocorrer em contextos semânticos verbais de *movimento* e que envolvem traço [-animado]; 2) A variante *ø*-DAT é mais favorecida em estruturas que envolvem verbos de *transferência material*, com complemento dativo com traço [+animado], em posição adjacente ao predicador verbal (COD), principalmente com as faixas etárias dos mais velhos e principalmente em Rio de Contas, Cinzento e Helvécia, nos moldes da construção de *aplicativo baixo* observada nas línguas de substrato banto; 3) O favorecimento da variante *a*-DAT em relação ao fator V DAT ODsentença confirma as características dos contextos de verbos *discendi*: a ideia é de transferência de uma noção *abstrata*, e geralmente, sintaticamente representada por uma sentença pesada. Além disso, essa variante é falada principalmente pelas faixas II e III, em Sapé, onde há maior exposição à língua alvo.

Tendo em vista o contexto sócio-histórico em que se insere essas comunidades (LUCCHESI et al., 2009), e os resultados apontados nessas generalizações, propõe-se a hipótese explicativa de que a preposição *para* teria passado a introduzir dativos com interpretação semântica de *aplicativo baixo recipiente/meta/alvo* no PB-afro, por meio do processo de relexificação (LEFEBVRE, 1998; 2001), decorrente do contato entre línguas por influência do substrato banto, principalmente das línguas *quimbundo*, *umbundo* e *quicongo*, em um contexto de aquisição linguística emergencial, ainda nos primeiros anos do período colonial e pós-colonial do Brasil.

Em uma fase inicial da mudança, a entrada lexical de *para* teria copiado a matriz fonética da língua de superstrato, a partir de contextos com *para* semelhantes à noção semântica de *aplicativo alto* (*beneficiário* em construções ergativas, estativas, direcionais, etc.) (PYLKKANEN, 2002), e outros contextos na

língua alvo, como introdutor de finalidade em infinitivos, verbos de movimento com locativo, etc. Posteriormente, com a nativização e nivelamento dialetal, a preposição relexificada *para* teria sido reanalisado, perdendo traços semânticos em direção a um estágio mais funcional, e ampliando seu uso a partir de contextos verbais mais concretos, com dativos [-animado] e [+animado], passando a introduzir dativo *recipiente/meta/alvo* exclusivamente com traço [+animado]. Como já argumentado, esse processo só seria possível devido à associação com *ku, mu* ou *bu* em CBP, os quais são multifuncionais nas línguas bantas *quimbundo*, *umbundo* e *quicongo* e apresentam as mesmas propriedades semântico-sintáticas de *para*-DAT observado nos dados do PB-afro. Além disso, a presente proposta sugere que o processo de relexificação da entrada lexical do *para* como introdutor de dativos *recipiente/meta/alvo* foi possível devido ao traço compartilhado de [deslocamento].

REFERÊNCIAS

BAKER, Mark. C. *Incorporation*: a theory of grammatical function changing. Chicago: Chicago University Press, 1988.

BARROS, Isis J. F. *As preposições introdutoras de dativo em verbos ditransitivos dinâmicos no Português rural da Bahia: evidências do contato entre línguas.* Tese de Doutoramento (Língua e Cultura). Salvador: UFBA, 2018.

BAXTER, Alan N. MELLO, Camilla. F.; SANTANA, Natali. G. de A. A construção de objeto duplo e as influências do substrato no português afro-brasileiro (e africano). *PAPIA*, São Paulo, n. 24(2), p. 283-306, Jul/Dez, 2014.

BAXTER, Alan N.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, n.19, p. 65-84. 1997.

BERLINCK, Rosane. The Portuguese Dative. In: VAN BELLE, W.; VAN LANGENDONCKE, W. (Ed.). *The dative*. Amsterdam: John Benjamins, 1996, p.119-151.

BRESNAN, Joan.; MOSHI, Lioba J. Object asymmetries in comparative Bantu syntax. *Linguistic Inquiry*, p. 147–85, 1990.

CHATELAIN, Héli. *Kimbundu grammar*: gramática elementar do kimbundu ou língua de Angola. Genebra, 1888-89.

FREIRE, Gilson C. *A realização do acusativo e do dativo anafórico de 3ª pessoa na escrita brasileira e lusitana*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2005.

GOMES, Christina A. A. Directionality in linguistic change and acquisition. *Language Variation and Change* (Print), Nova York, v.11, n.2, p. 213-230, 1999.

GONÇALVES, Perpétua. Falsos sucessos no processamento do *input* na aquisição de l2: papel da ambiguidade na génese do português de Moçambique. *Revista da ABRALIN*, 4(1/2): 47-73, 2005.

GONÇALVES, Rita M. G. Propriedades de subcategorização verbal no português de S. Tomé. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade de Lisboa, 2010.

HYMAN, Larry M.; ALESSANDRO, Duranti. On the object relation in Bantu. *Syntax & Semantics*, 15: 217-239, 1982.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LARSON, Richard K. On the double subject construction. In: *Linguistic Inquiry*, n.19, p. 335-391, 1988.

LEFEBVRE, Claire. *Creole genesis and the acquisition of grammar*: The Case of Haitian creole. New York: Cambridge University Press, 1998.

LEFEBVRE, Claire; LUMSDEN, John. The central role of Relexification in Creole Genesis: The Case of Haitian Creole. In LEFEBVRE, Claire.; LUMSDEN, John (orgs.) *La genëse du crèole haôtien: un cas particilier díinvestigation sur la forma de la grammaire universelle*. UQAM, 1994.

LEFVEBRE, Claire. Relexification in creole genesis and effects on the development of the creole. In: SMITH, N.; VEENSTRA, T. (eds). Creolization and Contact. Amsterdan/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. *DELTA* [online]. 2001, vol.17, n.1, pp.97-130.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A. N.; RIBEIRO, I. (orgs.). *O Português Afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

LUCCHESI, Dante.; MELLO, Camilla. F. A alternância dativa. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A. N.; RIBEIRO, I. (orgs). *O Português Afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 427-456.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan N.; SILVA, José. A. A.; SILVA, Maria C. V. de F. O português afro-brasileiro: as comunidades de fala analisadas. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A; RIBEIRO, I. (orgs.). *O Português Afro-brasileiro*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 75-100, cap. 3.

MARANTZ, Alec P. Implications of asymmetries in double object constructions. In MCHOMBO, S. (Ed.), *Theoretical aspects of Bantu grammar*. Stanford, CA: CSLI, 1993, p. 113-150.

MATTOS E SILVA, Rosa. V. *Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOSO, Kátia. de Q. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MUSSA, Alberto. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. 1991. 258f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

NARO, Anthony J. J. O dinamismo das línguas. In.: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolingüística*. São Paulo: Contexto. p. 43-50. 2003.

NEVES, Erivaldo. F. *Escravidão, pecuária e policultura*: Alto Sertão da Bahia, século XIX. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012. 305 p.

PESSOA DE CASTRO, Yêda. *Falares africanos na Bahia*: um vocabulário afro-brasileiro. Topbooks Editora. 2. ed. 2001.

PETTER, Margarida, M. T. Ampliando a investigação do *continuum* afrobrasileiro de português. *PAPIA*, n.25, p. 305-317, 2015.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing arguments*. Tese de doutorado, MIT, 2002.

SCHER, Ana. P. *As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil*: um estudo sintático comparativo. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

TORRES MORAIS, Maria A.; BERLINCK, Rosane. de A. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide.; ALMEIDA, Norma L. *Novos dados, novas análises*. v. 1. t. 1. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 73-106.

TORRES MORAIS, Maria. A. *Os Dativos*. Tese de Livre Docência, São Paulo: USP, 2007.

VIANNA FILHO, Luiz. *O negro na Bahia*. Rio de Janeiro - RJ, s. n., 1946.

WALD, Benji. Syntactic change in the lake languages of northeast Bantu. *Studies in African Linguistics*, v. 4, n. 3, dez 1973.

XAVIER, Maria. F. *Argumentos e preposicionados em construções verbais*: um estudo contrastivo das preposições a, de, *to* e *from*. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1989.

AS AUTORAS E O PPGLinC

Isis Juliana Figueiredo de Barros
É doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA) e professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Durante a sua trajetória, tem realizado pesquisa na área da Teoria da Gramática, com interface em Sociolinguística e Línguas em contato.

Atualmente, é coordenadora e pesquisadora do Projeto Varia: Variação e Ensino de Gramática na Bahia, no âmbito da UFRB.

Cristina Figueiredo
É doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC-UFBA) e professora associada da UFBA e credenciada nas linhas de Teoria da Gramática (TS) e Dialetologia e Sociolinguística (DS) no PPGLinC, do qual é coordenadora. É pesquisadora do projeto Vertentes do português do estado
da Bahia e do grupo Interfaces Linguísticas.

Nota do editor:
Artigo submetido para avaliação em: 05 de outubro de 2020.
Aprovado em sistema duplo cego em: 27 de janeiro de 2021.